A psicologia na Argentina

JOSÉ TOPF

Prof. Topf – Represento a Universidade de Buenos Aires, sou subsecretário acadêmico e tenho especial satisfação em falar aqui neste seminário. Vou começar com uma breve síntese da situação dos estudos de psicologia em meu país para fazer uma história dos mesmos e de como se chegou a eles. Na Argentina, os estudos de psicologia têm um grande desenvolvimento quanto à quantidade de pessoas egressas das escolas de psicologia, de pessoas interessadas no tema e também de instituições ou de atividades que estão motivadas para esta especialidade. Neste momento, calculamos uns 30 mil psicólogos e, nos últimos anos, desde o advento do governo republicano, do sistema republicano e da abertura da universidade, temos tido um acesso muito grande de estudantes em todas as especialidades, muito especialmente em psicologia. Por um fenômeno pelo qual nem sempre estamos contentes, a psicologia se converteu na carreira mais procurada pelos jovens que ingressam na universidade.

Dos 30 mil, 12 mil são egressos da Universidade de Buenos Aires e 20 mil de todo o país. Mas sobre os problemas científicos, profissionais, sociais e até morais que isto significa ou acarreta, gostaria de falar no segundo encontro. Neste seminário, somente farei menção aos aspectos positivos, ou seja, o quanto se está fazendo no país. Não vou falar do que se deixa de fazer, apesar da existência deste enorme contingente de profissionais.

Os psicólogos da Argentina estão agrupados na Federação de Psicólogos da República Argentina, que têm várias filiais, porque são vários os centros de formação e várias as atividades dos centros no país. Fundamentalmente, o epicentro de formação está na cidade de Buenos Aires, onde a universidade estatal nos diz que temos 12 mil alunos ativos, e calculo que deva haver mais sete ou oito mil em outras universidades, sejam religiosas ou leigas. Está também na Universidade de Rosário, que foi a que criou a faculdade de psicologia em primeiro lugar, um ano antes da de Buenos Aires. Há a Faculdade de Psicologia de Tucuman, há carreira de psicologia em Córdoba, em San Luiz, em Mar Del Plata. Em geral, enquanto centro urbano mais ou menos importante, estão se desenvolvendo instituições públicas ou privadas, encaminhadas ao estudo de psicologia. Não temos confederações de psicólogos ainda, porque não há um controle legal da atividade de psicólogo. A atividade de psicólogo está autorizada e legislada. A diferença, segundo escutei de colegas, é que a formação de psicólogos na Argentina tem, nesse momento, uma fortíssima tendência para a psicologia clínica, em especial a psicanálise. Sendo eu psicólogo clínico e psicanalista, estou seriamente preocupado por esta vertente que caracteriza o perfil do psicólogo do país; estamos preocupados não em modificá-lo mais sim melhorá-lo, aprofundá-lo e criar outras escolas

de psicologia que respondam a outras necessidades da comunidade. Mas este é o tema da segunda fala.

Estava dizendo que na maior parte dos centros urbanos há um grande desenvolvimento de estudos de psicologia. Isto é uma espécie de explosão que se produziu em todo o país. Não só se estuda psicologia com intenção profissional, como há muitas pessoas que se aproximam do estudo da psicologia para encontrar explicação de fenômenos vivenciais com que se preocupam. Assim é que têm surgido uma quantidade de escolas privadas de estudo de psicologia que são algo como grandes instituições de prática psicológica ou psicanalítica em especial. Seria a inclinação majoritária das carreiras de psicologia, a clínica e a clínica psicanalítica. Temos que fazer alguns esclarecimentos: esta inclinação é mais acentuada em Buenos Aires. E nas carreiras de psicologia que copiaram seu perfil ou seu currículo. Copiaram é má expressão. Na verdade, são carreiras que se formaram sobre a base dos docentes de Buenos Aires e, necessariamente, ficaram marcadas, assinaladas, pela orientação das novas faculdades, segundo a orientação inicial de seus docentes.

Faltaria com a verdade se negasse que também em nosso país há um forte desenvolvimento da psicologia educacional. Porém, a psicologia educacional não encontra como lugar de origem, fundamentalmente, as carreiras de psicologia, mas as de ciências da educação ou de psicopedagogia, segundo a denominação das diferentes faculdades. Mas não são ramos específicos que se desenvolvem no rastro das carreiras de psicologia. Há bons profissionais na área de psicologia institucional, do trabalho e mercadista, mas estas atividades não gozam de prestígio na comunidade de psicólogos considerada globalmente. Há muitos bons especialistas em psicologia de grupo, há bons coordenadores de grupos e esta sim é uma atividade que tem sido considerada prestigiosa ao longo do tempo. Quando falo de atividades prestigiosas ou não prestigiosas, não estou qualificando-as por mim, estou dando um panorama de até onde se inclinam e do número de estudantes das carreiras. Muitas vezes, eles se inclinam para uma ou outra especialidade não tanto por interesse vocacional, mas pelas possibilidades de trabalho que se oferecem e pelo prestígio que a atividade tem no meio. Dizer que a maior parte das carreiras de psicologia tem orientação clínica não é correto. Há uma tradição no norte do país, na Universidade de San Luiz, por exemplo, e na de Tucuman, de maior peso à psicologia educacional. Na zona de Buenos Aires e do litoral do país, o maior peso está na psicologia clínica. As atividades experimentais de desenvolvem cada vez mais, porém em medida escassa. Temos um instituto, o Conselho Nacional de Ciência e Técnica, que declarou de interesse prioritário o estudo de alguns temas da psicologia. Por exemplo, os temas da violência, da droga, da dissociação familiar, os sociais ou da comunidade nos preocupam e estamos descobrindo, um pouco tardiamente, que não temos os profissionais adequados para enfrentá-los.

Temos muitos profissionais psicólogos, mas poucos estão capacitados para um trabalho comunitário. Estava dizendo que a atividade de investigação está sendo patrocinada, em especial, pelo Conselho de Ciência e Técnica e também pela universidade. Há alguns grupos de alto gabarito que estão trabalhando em investigação específica mas, em geral, a história da psicologia argentina não se caracteriza por uma atividade ou excessiva vocação para a investigação experimental.

Quem sabe seja este o momento de se fazer alguma resenha acerca disto? As idéias vinculadas com a psicologia têm velhas raízes no país. Já na época da colônia havia escritos localizados em temas psicológicos ou em temas que então se chamavam morais. Era uma preocupação filosófica, compartilhada e discutida tan-

to por filósofos de origem eclesiástica como filósofos liberais, com forte predomínio da maçonaria, em alguns casos.

Estas atividades, pensamentos, se desenvolveram ao longo de decênios e estavam muito ligados ao desenvolvimento das idéias da psicologia, às idéias primeiras do associacionismo, mas rapidamente propagou-se um desenvolvimento da psicologia da gestalt, até princípios deste século. Antes disso, teria que mencionar alguns pensadores pioneiros como, por exemplo, Anibal Ponce, quando escreve um texto com título claramente psicológico. Ambição e angústia dos adolescentes. Anibal Ponce se liga à preocupação com a moderna psicologia, com a psicologia dos problemas do desenvolvimento ou evolutiva, com alguns problemas políticos, e termina com uma invocação exaltada para que, nos novos tempos (estávamos nos fins dos anos 18, 19), a sociedade criasse condições para que essas ambições adolescentes não fossem frustradas e estas angústias, diminuídas.

Recordado este parágrafo à distância atual, vendo-o retrospectivamente, não podemos pelo menos sentirmo-nos comovidos acerca da disparidade entre esses bons receios e o que a história nos preparou.

Outro trabalho pioneiro, do qual recordo, é o de José Ingeniero, baseado também em sua preocupação com problemas sócio-políticos, mas encarados mais do ponto de vista da criminologia ou partindo da criminologia e com uma forte raiz em uma filosofia de vida. Ele escreveu A simulação da loucura, um texto claramente de análise criminalística na moderna concepção. Escreveu também Simulação na luta pela vida, uma maneira de caracterizar, desde o campo da criminalística, passando pelo da psicologia, e unindo-os aos processos de desenvolvimento e de evolução na linha darwiniana. Temos tido contribuições muito importantes que não soubemos às vezes valorizar. Menciono Bela Szekely, a quem tive a honra de conhecer. Ela pôde encontrar lugar na Argentina e criou seu enciclopédico dicionário de psicologia e psicoterapia. Faleceu de modo pacífico, pouco heróico frente às lutas comuns, falando de temas de psicologia.

Outros ilustres psicólogos trabalharam conosco no desenvolvimento da psicologia gestáltica em Buenos Aires. Tivemos a visita de destacados psicólogos austríacos e alemães. Tivemos, entre nós, o Prof. Mira y López, a quem não se soube dar uma acolhida merecedora de suas capacidades. Eis que, não sei se no caso específico de Mira y López, mas em muitos outros, a psicologia, durante longos decênios, na Argentina, foi vista como uma atividade anti-*establishment*, uma atividade inquietante. As instâncias educacionais viram com sumo receio a inclusão de conceitos psicológicos no ensino. Daquele tempo, até agora, em que os currículos das escolas primárias de meu país estão baseados nos trabalhos de Piaget, passaram-se muitos anos. Assim, torno a dizer, o fato de que se tenha baseado nos trabalhos de Piaget e que a psicanálise tenha inundado a cultura urbana de meu país, isto não garantiu ou deu mostras de que tenhamos o melhor nível de autoconhecimento ou de relação pessoal.

Estava recordando Bela Szekely, estava recordando Mira y López. Para dar um exemplo de como se contaminaram os estudos de psicologia com suspeitas de atividades subversivas, às vezes, no país. Recordarei uma estória. No ano 37, ou 36, quando Freud foi encarcerado pela Gestapo e estava-se negociando sua liberação – expulsão ou exílio da Áustria, ele expressou, não sei por que estranha idéia, seguramente pelo seu desconhecimento do que estava dizendo, que desejava ir para Buenos Aires. Rapidamente, o nosso governo se apressou em declarar que seria excessivamente incômodo para as relações internacionais e maléfico para as relações internas que Freud estivesse em Buenos Aires. E, assim, ele foi para Lon-

dres. Não quero pensar o que seria Buenos Aires já com a praga de psicanalistas se Freud tivesse ido para Buenos Aires. Já sabemos como está agora. Mas, de toda maneira, recordo este fato como forma de mostrar-lhes as dificuldades que a psicologia teve com os regimes políticos. Queria dizer que, antes da II Guerra Mundial, o desenvolvimento da psicologia, pelo menos em Buenos Aires e em Rosário, estava muito a par dos desenvolvimentos na Alemanha e França, mais na Alemanha que na França. Havia intercâmbio freqüente. Recordo o excelente laboratório de investigação experimental da Faculdade de Filosofia daquele tempo, da qual dependia a carreira de psicologia, um excelente laboratório montado com materiais que os docentes alemães haviam trazido ou enviado.

Com o advento da II Guerra Mundial, se produziu um hiato, um vazio, nas atividades psicológicas. Desenvolveram-se algumas correntes locais, por exemplo, a psicologia culturalista. À maneira de sua similar nos Estados Unidos, cai em descrédito. A psicologia da *gestalt* não tem vez. A psicologia da conduta, o condutismo, nunca teve uma forte explosão, apenas algumas correntes reflexológicas por afinidade ideológica de alguns médicos psiquiatras reflexólogos, não psicólogos, que divulgaram estas teorias.

Em 1942, chega ao país Angel Garma, um psicanalista que vinha fazer a campanha da república espanhola. Também seu ingresso no país teve muitas dificuldades. Ele fundou o primeiro grupo psicanalítico e assim se produziu uma fortíssima polarização das atividades psicológicas ao redor da psicanálise. Deste grupo pioneiro restam poucos sobreviventes. Alguns deles fundaram, junto com Garma, a Associação Psicanalítica Argentina, que teve um desenvolvimento muito grande e, não faz muito, se desdobrou em Associação Psicanalítica Argentina, e Associação Psicanalítica de Buenos Aires, porque uma das funções das instituições psicológicas é a de desdobrar-se; é uma espécie de cariocinese que fazemos.

Este grupo psicanalítico se desenvolve em duas linhas importantes: uma, a da psicoterapia psicanalítica individual, e outra – que, para mim, tem muito mais peso, ou mais peso para o futuro –, a de desenvolvimento de técnicas de psicologia grupal ou de condução de grupos que em nosso país chamam de grupos operativos. Do grupo psicanalítico inicial participou um eminente psiquiatra psicanalista, Dr. Henrique Pichon Rivière, de quem sou discípulo. Junto a ele, temos agrupado algumas pessoas: o Dr. José Bleger, o Dr. Libermam com o qual participamos de uma situação um tanto anômala. Não só quem não era médico ou psicólogo, mas também colegas que eram médicos psiquiatras, divergiam da psiquiatria oficial que se estava ensinando na faculdade de medicina e que se havia apoderado das salas do hospício de internação dos doentes mentais. Assim reinava uma antiga e tradicional psiquiatria à maneira francesa, escassa possibilidade de tratamentos que não fossem fisiológicos, quimioterápicos e de contenção. Não havia quase tratamento psicoterapêutico para estes enfermos. Havia, então, uma dificuldade para enxertar-se no campo psiquiátrico. Ao mesmo tempo, na Associação Psicanalítica, que já se havia convertido também em uma instituição um tanto comum, tampouco havia possibilidade de inclusão de novas correntes psicológicas significativas, correntes da escola inglesa, da escola kleiniana, ou correntes da escola da psicologia do eu, dos Estados Unidos.

Com base nesta dificuldade de inserção, cria-se o grupo do que se chamou primeira escola de psicologia social. Esta escola, que no início se chamou de psiquiatria social, não deve ser entendida como uma escola de estudos sociais ou de psicologia social no sentido estrito, tal como se conhece no resto do mundo. Pichon Rivière defendia a idéia de que a psicologia, por ocupar-se de psicologia de pes-

soas, cuja origem como pessoas é dada por sua inserção social. Queria, com isso, repito, salientar a idéia de que toda psicologia é uma psicologia social; daí a denominação "escola de psicologia social", para diferenciá-la do que eram as posições com as quais confrontávamos na psicologia individualista ou do indivíduo.

Por que faço menção a esta escola? Esta escola, com a morte de Pichon Rivière, teve um grande desenvolvimento, e, neste momento, são muitas as cidades do país onde se fundaram escolas de psicólogos sociais. É uma concepção da psicologia e uma concepção do ensino que pode ser, em alguns sentidos, discutida e, em outros, muito valorizada. Por que me detenho neste ponto? Porque a criação das escolas universitárias de psicologia corresponde a este período, e elas tomam como docentes estas pessoas que não tinham lugar nas escolas clássicas de psiquiatria, ou de medicina, ou na escola ou instituto da associação psicanalítica.

De maneira que as escolas de psicologia adquirem, desde o início, uma característica um tanto contestatória, em oposição ao que entende a psicologia anterior ou clássica, ou denegrida. Há um grande desconhecimento dos estudantes de psicologia, sobretudo da psicologia que foi feita no país algum tempo atrás. Oposição à psicologia anterior, oposição à psicanálise, vista como psicanálise ortodoxa, pejorativamente ortodoxa, freudiana e oposição à psiquiatria clássica, que não contemplava, pelo menos pela visão de quem a criticava, os problemas sociais e familiares que levam alguém a adoecer mentalmente. Certamente as idéias acerca da psiquiatria social, as idéias de doente mental como emergente de um grupo familiar doente, as idéias da etiologia "comunicacional" da doença mental estavam na ordem do dia. Hoje estamos revendo tudo isto, mas naquela época estas eram as idéias fundamentais. Desses pioneiros, na formação das primeiras escolas de psicologia, recordo Henrique Guterman, que foi seu primeiro diretor, um argentino formado na Suíça com um grande interesse pela psicologia junguiana, pela psicologia social dos Estados Unidos e pelos estudos e investigações acerca do preconceito racial. Também estava assim, o Prof. Bernstein, que introduziu no país e que divulgou e modificou muitas das provas de avaliação psicológica, fundamentalmente, as provas projetivas, visto que a sua formação era psicanalítica adleriana. Mas, de todas as maneiras, apesar de divergirem enquanto sua posição era adleriana, enfatizavam mais a importância das provas projetivas sobre as de avaliação psicométrica.

O professor, médico, José Dickson, atualmente residente – contra sua vontade no princípio e agora com muito gosto – em Israel, chefe do Departamento de Saúde Mental em Jerusalém, foi um dos que introduziu as idéias reflexológicas nas carreiras de psicologia, ainda que tenha havido recentemente uma mudança ideológica e teórica importante em seu ponto de vista.

Do norte, um pioneiro, precisamente um pioneiro dos mais dedicados da história da psicologia, é o Dr. Plácido Horas, mentor de todas as correntes psicológicas que se desenvolvem na província de San Luiz, de Catamarca e Tucuman. Quero dizer, é inumerável a quantidade de pessoas que teria que recordar. Por exemplo, a Dra. Telma Reca, que começou com os primeiros trabalhos de psicolingüística, trabalhos que foram continuados ou que continuam no Instituto de Pensamento e Linguagem. Depois dessa primeira promoção, dessa primeira geração de docentes não psicólogos, pois havia poucos psicólogos e psicólogos estrangeiros, aparecem os primeiros docentes psicólogos licenciados por Raski, já falecido; eu, muitos outros.

Aí se produz um fenômeno importante. É muito diferente a identidade profissional que adquire um estudante quando seus docentes têm o mesmo título e a

mesma atividade que ele terá. Até então, nossos docentes tinham títulos e atividades que nós não íramos ter, ou que nos estavam vedadas. Portanto, esta disparidade entre o modelo profissional ou científico e o modelo ocupacional e as possibilidades pessoais provoca nos estudantes de psicologia uma certa recusa à sua própria identidade de psicólogos e, ao mesmo tempo, uma reafirmação de características que não são próprias à sua profissão mas a daqueles com os quais querem parecer. Algo disto está na base do grande desenvolvimento da psicologia clínica em nosso país. Nossos primeiros professores eram, em sua maior parte, psicoterapeutas, de diferentes orientações, predominantemente psicanalítica; esta postura ficou gravada como um estilo profissional desejável.

Com a criação e o desenvolvimento das carreiras de psicologia – estamos falando nos anos 57 e 58 –, há um grande desenvolvimento destes estudos a nível universitário, mas nossa universidade sofreu embates muitos freqüentes. Praticamente a cada oito ou dez anos temos sido enclausurados. O início das conversações para criar a carreira de psicologia data dos anos 56, 57, ao fim de um longo período de governo populista que não se caracterizou por sua benevolência com os problemas psicológicos. Tínhamos um ministro da Saúde Pública inimigo da psicologia, que obrigou a Associação Psicanalítica de então a funcionar com um oficial de polícia permanentemente sentado às reuniões. Este oficial acabou sendo psicanalizado, o que não garantia que ficasse pior ou melhor pessoa. É uma das tantas ocasiões em que a aproximação enfrenta e diminui as distâncias.

A faculdade de psicologia chega a um grande desenvolvimento nos anos 62, 63, mas ela é fechada em 66. Assim, os estudos de psicologia se fazem mais privadamente e se desenvolvem muito a escola de psicoterapia e a psicologia de grupo. Em 68 decidimos, na Associação de Psicólogos, voltar à universidade – ainda que as condições gerais do país não tivessem mudado – para não manter fechada a carreira e impedirmos o acesso à universidade. Com diferentes vicissitudes, até 76, algumas carreiras se fecham e outras não, como a de Buenos Aires e grandes centros. No entanto, diminui muito a quantidade de alunos a que se permite o ingresso nesta faculdade. Diminui também o nível teórico das carreiras. Havíamos chegado, na Argentina, a constituirmo-nos em um centro produtor de idéias psicológico-psicanalíticas, não psicológicas de outra natureza, mas sim, na área do psicólogo psicanalítico. Estava-se falando já da escola argentina, assim como se falava da inglesa, francesa, etc. Tudo isto, desaparece a partir dos anos 70. E tem um grande impulso, uma carreira teórica psicanalítica ligada às idéias de Lacan, possivelmente por certa concordância entre a prática que preconiza ou que pode basear-se neste tipo de pensamento, e as condições objetivas em que estávamos trabalhando. Foi assim, durante os longos anos do processo. Em 83, recuperamos as universidades, recuperamos as cátedras e, com grande surpresa, verificamos que os estudantes pediam que abríssemos a oportunidade a outros campos de conhecimento, a outras técnicas, a outro perfil de psicólogo. Estamos descobrindo que as necessidades que os estudantes difusamente vislumbram estão defasadas, ou têm estado defasadas, dos estereótipos ou modelos que mantínhamos.

Assim, estamos na Argentina, no momento, em um processo de abertura a novas correntes teóricas, novas possibilidades profissionais, modificação de planos de estudos e muito temor sobre se poderemos fazê-lo.

DEBATE

Prof. Topf – Há três perguntas que podem ser ligadas. Qual é sua avaliação da psico-higiene de Bleger? Precisamente quando, nos anos de 1955, 1960, trabalhá-

vamos a idéia de formar as carreiras de psicologia, nosso pensamento era transformar as carreiras clássicas e/ou a formação clássica de psicólogo que ainda não tínhamos, mas um de cujos projetos estávamos avaliando. A idéia era transformá-lo em um novo modelo de profissional psicólogo. Sob este outro modelo subsiste a idéia de que o psicólogo, como também o médico, e toda pessoa que se ocupa do bem-estar das pessoas, deveria, ao menos ao nível das instituições, poder ocupar-se das pessoas antes que adoeçam ou antes que sua saúde se afete, e não quando já está afetada. Daqui surge a idéia, não é nova, da prevenção primária, das atividades que médicos, psicólogos, sociólogos, antropólogos e a sociedade em geral podem desenvolver para que as pessoas não adoeçam, ou adoeçam mais tardiamente e menos gravemente. Esta idéia está subjacente ao conceito de Bleger de psico-higiene, atividades encaminhadas de modo a se conseguir uma vida mais saudável para a comunidade. Por isso, desde que estamos trabalhando nisso, é essa a orientação que nos tem guiado.

Lamentavelmente, em um país com uma conformação econômica e social como a nossa, as instituições estatais têm pouco interesse e também pouco dinheiro para sustentar trabalhadores sociais encaminhados nas tarefas de prevenção de psico-higiene. Em contrapartida, as atividades da atenção do homem enquanto enfermo são privadas ou semiprivadas e o profissional encontra maior benefício econômico e prestígio pessoal em atender as pessoas já com um quadro patológico, do que antes que elas o tenham. Isto faz com que, apesar de que todos saibamos que o destino da sociedade, ou da população, depende da capacidade que tenhamos de implementar planos de prevenção primária e de psico-higiene, sem dúvida cada um de nós está trabalhando em seu consultório privado com pacientes privados. O grande desenvolvimento que tem em meu país, creio que aqui também, a medicina social, atenta contra este tipo de enfoque. Sem dúvida, há toda uma estrutura muito complicada de se desmantelar e é muito difícil encontrar as formas para que o estado ou instituições importantes contratem pessoas inteligentes, nobres, idôneas para que trabalhem em planos de prevenção.

Auditório – Você afirma as dificuldades encontradas por psicólogos argentinos originadas, suponho, em órgãos governamentais. Conhecemos um pouco desta história. Dentro desse ponto de vista, como podemos entender então que seja grande o número de pessoas que buscam esse campo profissional em seu país?

Prof. Topf – Vamos ligar as duas perguntas anteriores a esta. Efetivamente, houve dificuldades para o desenvolvimento de atividades psicológicas no país. Mas elas são de duas naturezas: uma, é a carência de apoio à investigação básica e à investigação aplicada. Tem sido total durante muitos anos. Agora, estamos tendo mais possibilidades nesse sentido. Do mesmo modo, houve dificuldade para a difusão de conhecimentos psicológicos ligados a problemas que uma população conservadora ou comum poderia considerar pouco apropriados. Esta é uma das dificuldades mas, por outro lado, não tem havido dificuldades para a existência das carreiras de psicologia em si. É certo que, em alguns momentos, as carreiras sofreram intervenção ou foram fechadas. Mas o reflexo do fechamento das carreiras não foi uma diminuição de interesses nestes estudos, mas o contrário. Muita gente procurou estudar em Montevidéu, por exemplo, ou estudou particularmente, à espera de que as carreiras reabrissem. As razões pelas quais tanta gente estuda psicologia não as posso dizer com certeza. Há razões sumamente gratas, a meu modo de pensar. As pessoas têm a sensação de viver em um mundo hostil, em uma situação de incomunicação, e isto as mobiliza a buscar no estudo a explicação de coisas que acontecem com elas e a forma de converterem-se em técnicos ou profissionais que

ajudem a modificar isto. Estas são idéias gratificantes. Tenho também outras ingratas: em meu país existe um grande desemprego. Os profissionais, de todas as profissões, trabalham como motoristas de táxis, vendedores, mil coisas. Em meu país, e o digo lamentavelmente, uma das formas mais fáceis de se obter um título universitário de alto nível é estudar psicologia. Há outros títulos menores, mas psicologia é um título maior e, de todos os títulos possíveis, um dos mais fáceis de obter, quanto à quantidade de horas de assistência à classe e às condições requeridas para o estudo.

Isto faz com que a juventude que sai dos colégios secundários e que está desesperada, porque não tem situação profissional ou orientação vocacional, nem perceba um destino possível, visualize ou imagine a possibilidade de um destino profissional no campo da psicologia. Daí esta forma espúria que estão tendo os estudos de psicologia no país, onde os estudantes se apressam a obter seu título, para ter logo uma formação fora da universidade e encontrar alguma forma de saída profissional, ainda que seja muito precária. A quantidade de estudantes que se recebe, é muito alta. Todavia, dos 10%, 15% que ingressam, trabalham somente uns 5%, 6%.

Auditório – À medida em que se chega à conclusão de que não há profissionais de psicologia capacitados para atender às necessidades reais da comunidade, que providências se estão tomando na Universidade de Buenos Aires para que haja modificação?

Prof. Topf – Disto vou falar mais intensamente em minha próxima intervenção. Mas quero dizer-lhes que nós, na Universidade de Buenos Aires, não estamos contra a formação clínica de psicólogos. Estamos contra a formação "perversa" do psicólogo. Ao classificar de "perversa", quero dizer que se construiu um "negócio" paralelo às universidades, onde os alunos que egressam, vão buscar sua formação de grau em grupos de estudos privados, em uma educação privada. Temos interesse em que na universidade haja esta formação que vão buscar fora. Mas ao mesmo tempo, pensamos que nos anos 2010, 2020, vamos analisar, já com muito mais segurança, um tipo de psicólogo diferente do atual. Para isso, estamos implementando mudanças na estrutura do currículo. Essa é a razão de minha estada aqui, entre vocês. Temos especial interesse em intercâmbios desta natureza. Mas nossa idéia não é a modificação da atual carreira, mas a criação de uma nova carreira de psicologia com uma orientação comunitária.